

INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA - IFBA

CRISTIANE BRAZ RIBEIRO

***Brincando e aprendendo: resgatando formas e conteúdos do
brincar no contexto indígena da Aldeia Guaxuma***

Porto Seguro – BA

2018

INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA - IFBA

CRISTIANE BRAZ RIBEIRO

***Brincando e aprendendo: resgatando formas e conteúdos do
brincar no contexto indígena***

Trabalho de conclusão de curso, sob formato de monografia apresentada à Coordenação da Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal da Bahia.

Orientação: Prof. Esp.: Prof. Luciene Lima Pereira Campos

Porto Seguro - BA

2018

INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA - IFBA

CRISTIANE BRAZ RIBEIRO

Trabalho de Conclusão de Cursos

***Brincando e aprendendo: resgatando formas e conteúdos do
brincar no contexto indígena***

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Luciene Lima Pereira Campos - Orientador

Prof.

Prof.

Prof.

Prof.

Agradecimento especial...

Em primeiro lugar quero agradecer toda a minha família por sempre me apoiou nos momentos difíceis dessa caminhada, sempre mim animando nos momentos em que precisei. Em especial os meus pais, Sebastião Ribeiro de Souza e Ana Lucia Sena Braz, ao meu esposo Jutai Pinho Sena e a minha filha Jheniffer Ribeiro Sena. Por sempre me incentivarem a lutar e nunca desistir dos meus objetivos.

Agradecer a todos os professores da Licenciatura Intercultural Indígena do IFBA, pelas contribuições durante esses sete anos do curso em especial a Prof. Dr^a Kátia Silva Santos e a minha orientadora Prof. Esp. Luciene Lima Pereira Campos. Também, agradeço todos as lideranças indígenas Pataxó que foram os protagonistas dessa vitória em que alcançamos o curso específico para professores indígena, a Licenciatura Intercultural Indígena.

A todos os amigos que mim ajudaram pacientemente durante esse longo período do percurso, mais que enfim alcancei o objetivo tão esperado que é a conclusão desse ciclo de estudo.

A todos que de alguma forma fizeram parte da minha vida acadêmica “o meu muito obrigado”.

Dedicatória

Aos meus pais, Ana Lucia Sena Braz e Sebastião Ribeiro de Souza que foram os grandes responsáveis por ter chegado até aqui, sempre mim incentivaram a nunca desistir dos meus objetivos, sempre mim apoiando nos momentos difíceis com todo amor e carinho. Aqui deixou deixo o meu muito obrigado.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir e sugerir uma reflexão sobre as brincadeiras indígenas Pataxó da Aldeia Guaxuma. Partindo de uma análise bibliográfica, foram apontados importantes argumentos sobre o tema e a partir de pesquisas realizadas dentro da comunidade, foram coletados dados importantes. Os quais foram observados como as crianças brincam atualmente e como essas brincadeiras do tempo de seus pais e avós vêm sendo abandonados ao longo da história. No segundo momento, as brincadeiras foram abordadas no desenvolvimento natural e cultural da criança indígena, especialmente a Pataxó da Aldeia Guaxuma. Logo em seguida, as brincadeiras assumem sua forma exclusiva de ser um fato social que implica num aprendizado.

Palavras Chave: Educação, Brincadeiras, Crianças Indígenas, Pataxó e Guaxuma

Abstract

This work aims to discuss and suggest a reflection on the Pataxó indigenous games of the Guaxuma Village. Based on a bibliographical analysis, important arguments were pointed out on the subject and from research carried out within the community, important data were collected. Which have been observed as children play today and how these time-plays of their parents and grandparents have been abandoned throughout history. In the second moment, the games were approached in the natural and cultural development of the indigenous child, especially the Pataxó of Aldeia Guaxuma. Soon after, the games assume their exclusive form of being a social fact that implies a learning.

Keywords: Education, Children Indigenous, Pataxó and Guaxuma.

JUSTIFICATIVA

A MÉTODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa desenvolvida neste estudo do tipo qualitativa, que, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 47-49), possui cinco características principais:

- 1 - a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador como instrumento principal;
- 2 - é descritiva [...];
- 3 - interessa-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos [...];
- 4 - tende a analisar os seus dados de forma indutiva [...];
- 5 - o significado tem importância vital [...].

O processo de reflexão sobre o termo **qualitativa** nos permite compreender acerca da sua relação com o significado de partilha entre os sujeitos, com pessoas, com fatos e com locais. Assim, o pesquisador ao realizar a pesquisa, buscar conviver, aprender, ensinar, participar, observar.

Chizzotti (2008), ressalta que a pesquisa qualitativa não tem único formato, pois reconhece que a “realidade” é flutuante e contraditória e que os processos de investigação dependem em grande parte do olhar do pesquisador, o qual anuncia ao relatar uma pesquisa suas concepções, de seus valores, de seus objetivos. Desta forma, é possível dizer que a pesquisa qualitativa supõe que o mundo deriva da compreensão que as pessoas constroem no contato, nas interações humanas e sociais. Nesse sentido, busquei, com essa abordagem, interpretar o sentido do evento com base no significado que as pessoas, enfim, os atores, atribuem às suas ações.

A pesquisa qualitativa assumida aqui foi se construindo como um Estudo de Caso, pois buscou caracterizar um único contexto, vive-lo, assumi-lo, como espaço de reflexão. E o Contexto Estudado foi aldeia Indígena Pataxó Guaxuma Trabalho de resgate oral.

O tema abordado, no presente trabalho objetiva apresentar um resgate, às brincadeiras antigas, os modos de brincar indígenas assumindo como ponto de partida a oralidade dos mais vivido. Questiono: Como os mais velhos brincavam? Desejo saber com intuito de aprender e transmitir para as futuras gerações.

A crítica implícita ao passo que este estudo é apresentado é a de que hoje os pequenos indígenas não tem acesso ao modo brincar do indígena de “antigamente”, sendo assim, somente o contato com os mais velhos tornara possível este resgate.

O brincar dos mais velhos envolvem o contato físico entre as pessoas, o que raramente vem acontecendo, as crianças indígenas dessa nova geração já não brincam como os seus avôs brincavam. Além disso, os próprios educadores deixaram de lado essas brincadeira, ao buscarem em livros didático brincadeiras que já vem escrita de lá para cá, talvez por facilitar nos momentos de seus planejamentos por já estarem escritas ao alcance de suas mãos. Quando podem também juntamente com os alunos ir até um ancião da comunidade entrevista-lo e escrever as brincadeiras que esse ancião brincava quando criança, mais muitos estão acomodados, e estão deixando ir embora muitas das riqueza indígenas quando um desses anciões parte desse mundo para outro.

Devido as percas atuais de alguns dos livros vivos do povo indígena Pataxó, despertou o desejo de resgatar as brincadeiras que muitos dos sábios brincavam quando crianças, e transcreva-las para que não venha se perder com o passar do tempo. Eu como indígena não havia percebido quão grandes riquezas há dentro da minha aldeia, depois que iniciei a Licenciatura Intercultural Indígena, que acordei e percebi o quanto o nosso povo é rico, e assim despertou em mim o desejo de acordar as brincadeiras indígenas que estavam adormecidas. Foi aí que vi a necessidade dessa geração em conhecê-

las, porque hoje dentro da comunidade indígena a tecnologia vem afastando as pessoas, lembro-me quando criança e quando não havia energia elétrica e nem televisão, brincávamos todas as noites, além de nossos pais ficarem até tarde contando história de nosso povo. Vejo a necessidade dessa aproximação novamente em nossa comunidade entre pais, filhos, avós etc. Pois a tecnologia vem a cada dia afastando as pessoas, foi exatamente as observação que fiz durante esse trabalho que notei esse afastamento que a tecnologia vem contribuindo dentro da comunidade entre as pessoa. Resgatar essas brincadeiras que os mais velhos brincavam é de tremenda importância e valor cultural pois só assim podemos transcreve-las e passar para as futuras gerações indígenas para que elas não venham se perder ao longo do tempo.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01

Introdução.....12

CAPÍTULO II

Entrevista com os mais vividos da Aldeia Guaxuma.....15

CAPÍTULO III

Problematização Educação Escolar Indígena.....18

CAPÍTULO IV

Brincadeiras indígenas do passado.....20

CAPÍTULO V

Brincadeiras atuais das crianças indígenas da Aldeia Guaxuma.....22

CAPÍTULO VI

Modalidades das crianças da Aldeia Guaxuma.....24

CAPÍTULO VII

Memorial: Cristiane Braz Ribeiro.....25

CAPÍTULO VIII

Conclusão.....34

Referencial Teórico.....35

Anexo.....36

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

O índio e a questão indígena circulam pelas múltiplas esferas da sociedade brasileira, conservando ainda o velho aspecto de uma questão de soberania nacional, mas também tomando as formas de questão ambiental e questão social (habitação, saúde, educação, etc.). Idiomas, danças e festas, vestuário.

A cultura Indígena é cheia de particularidades e quando o contexto são as brincadeiras das crianças não é distinto. Por crescerem no meio da mata, os pequenos Índios aproveitam a própria natureza para se divertir bem diferente da realidade das crianças que nascem no meio da cidade.

O brincar faz parte do mundo da criança, assim sendo elas aprendem melhor e se socializam com facilidade, estudam o espírito de grupo, aprendem a assumir decisões e apreende melhor o mundo dos adultos, sistematizar o brincar constitui uma reorganização da prática pedagógica exercida pelo professor, prática essa que deve abdicar os moldes da educação bancária e absorver o lúdico através dos jogos como o instrumento principal para o desenvolvimento da criança. O jogo, e a maneira como o professor dirige o brincar, ampliarão psicológica, intelectual, emocional, físico-motora e socialmente as crianças, e por isso os ambientes para se jogar são indispensáveis nos dias de hoje.

Hoje em dia em nossa sociedade, extremamente capitalista, que entusiasma todos, até mesmo as crianças exercendo poder e influência através dos meios de comunicação, principalmente a televisão. Uma das alternativas para se burlar essa influência está no lúdico, nas brincadeiras de um desenho geral, onde as crianças trabalhariam além do corpo a interação com o outro. A criança tem a altivez de adentrar no mundo dos sonhos das fábulas e normalmente emprega como ponte as brincadeiras.

Quando as crianças estão brincando se expressa mostrando seu íntimo, seus anseios e sua afetividade. As brincadeiras são importantes por perpetrarem parte do mundo das crianças e por adaptarem momentos agradáveis dando espaço à criatividade.

Todos necessitam buscar o bem estar dos pequenos durante o processo de ensino e aprendizagem, desempenhando assim o lúdico como instrumento de construção do conhecimento. Cada um tem um jeito distinto de brincar, mais nas tribos Indígenas o uso dos elementos da natureza é unanimidade na hora das brincadeiras. Pedras, sementes, folhas, galhos e muitos outros recursos, viram objetos para brincadeira nas mãos dos pequenos índios. Segundo Vygotsky (2007, p.118):

“Em resumo, o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”.

Para **Vigotski1** (2007), na abordagem histórico-cultural, brincar é satisfazer necessidades com a realização de desejos que não poderiam ser imediatamente satisfeitos. O brinquedo seria um mundo ilusório, em que qualquer desejo pode ser realizado. As duas principais características colocadas pelo autor são as regras e a circunstância imaginária, sempre presentes nas brincadeiras.

De acordo com essa teoria, quando as crianças mais novas brincam, elas utilizam muito a condição imaginária, a fantasia está presente com força, enquanto as regras ficam mais ocultas, mas não deixam de existir. A brincadeira de casinha é um modelo do brincar das crianças pequenas, em que o imaginário reina, mas certas regras de conduta devem ser adotadas.

Com o passar do tempo, as regras vão tomando mais espaço e a situação imaginária vão diminuindo, como num jogo de queimada em que as regras são primordiais, mas a situação fantasiosa de dois lados opostos em “guerra” e de comportamentos diferentes daqueles da vida real não deixam de existir.

Assim sendo, em meio a o discurso e a prática, o tempo e o espaço do brincar vão sendo reduzidos para que nossas crianças se tornem alunos. Minha esperança é que este trabalho sirva de apoio para uma reflexão sobre a infância e, sobretudo, a importância do brincar no espaço escolar, não exclusivamente como recurso pedagógico, mas como ambiente de liberdade e criação. Como o brincar surge no interior das escolas de educação infantil, o apoio, os espaços e as intercessões que tem sobrevivendo nessas instituições e

a importância disso tudo para a aprendizagem e desenvolvimento da criança são os focos de discussão do atual.

CAPÍTULO II

ENTREVISTAS COM OS MAIS VIVIDOS DA ALDEIA GUAXUMA

A Pesquisa foi realizada na aldeia Indígena Pataxó Guaxuma Município de Porto Seguro Br 101 e km 774, com base em entrevistas com alguns dos mais vividos da comunidade. A primeira pessoa a ser entrevistada foi a indígena Ana Lucia Sena Braz de 43 anos. Segundo Ana Lucia Sena Braz:

“ Os meninos e meninas de hoje em dia não brincam mais , no tempo que era criança que tinha brincadeiras boas e que hoje a criançada estão preferindo está conectadas a internet e deixa de lado o bem de ser criança. Quando eu era criança, apesar de não ter tempo para brincar, as brincadeiras que brincavam valiam a pena. Tomava banho de rio, brincava de casinha, brincava de esconde-esconde, ficava prestando atenção na mãe e em seguida brincava com as primas da mesma maneira que sua mãe trabalhava. Naquele tempo não tinha dinheiro pra comprar bonecas então agente fazia as bonecas com espigas de milho e com toalhas, agente enrolava as toalhas e fazia as bonecas para brincar.”

Outro indígena que foi entrevistado foi o senhor Odenil Braz Machado de 53, o qual relator como brincava com seus primos, amigos e conhecidos. Segundo Odenil Braz Machado:

“ Nós brincava com cavalo de pau que agente mesmo fazia com a palha do coco, tomava banho de rio juntos meninos e meninas todos juntos sem nem uma maldade entre si, fazia arapucas pra pegar passarinhos, brincava de caçar, de esconde-esconde, de casinha imitando os adultos, mais oque a gente mais gostava de brincar era tomar banho de rio.”

Durante a entrevista o mesmo demonstrou uma tristeza ao lembrar que hoje não se tem mais rios como antes para as crianças da comunidade tomarem banho e brincar com os seus avôs no passado brincavam. Devido as secagem das nascentes. Segundo Odenil Braz Machado

“É que as crianças de hoje em dia não brinca como agente brincava, não são unidos como nós era, naquele tempo em que tinha respeito com as pessoas mais velhas que pedia a bênção de joelhos e hoje as

crianças não faz mais isso. Hoje as crianças estão deixando de ser criança mais cedo, tudo mudou.”

Outra indígena entrevistada, foi dona Marinalva Ressurreição Braz de 57, ela começa sua entrevista dizendo que tudo que aprendeu brincado trouxe para a vida adulta, pois hoje ela faz artesanatos devido as brincadeira em que brincavam quando crianças. Brincava de fazer bonecas de pano, brincava de casinhas, relata que suas brincadeiras eram mais relacionada com ser dona de casa. Segundo Marinalva Ressurreição Braz:

“Criei meus filhos do mesmo jeito que fui criada, ensinei a eles tudo aquilo que aprendi quando era criança, quando brincava de ser dona de casa brincando de casinha ajudando a minha mãe fazer artesanatos.”

Também foi entrevistada dona Maria José Santana Ferreira de 69 anos, a mesma inicia a entrevista dizendo que não se recorda das brincadeiras que brincava quando criança mais relata ainda algumas das que ainda lembra. Segundo Maria José Santana Ferreira:

“Quando era criança brincava com as minhas amigas, colegas e conhecidas de bonecas de pano, feita por nós mesmas. Pois naquele tempo nossos pais não tinha dinheiros para comprar brinquedos e também não andava na cidade, nós brincava de cozinhados e de ser dona de casa, essas era as nossas brincadeiras.”

Seu Balbino Ribeiro de Souza foi também um dos mais vivido da aldeia Guaxuma que foi entrevistado, o qual fala de como brincava quando era criança. Ele diz que uma das brincadeiras das quais brincava era com o bodoque que era feito com madeira e corda, parecido com um arco e flecha, mais no lugar da flecha era utilizado bolinhas que era feito com barro.

O mesmo conta que passava horas e hora ele e o seu irmão mais velho peloteando os pássaros, depois da caçada eles faziam espetinhos de passarinhos colocava para assar e comiam, brincavam de ser macaquinhos pulando de galho em galho era assim as brincadeiras daquele tempo, pois não havia escola na aldeia era assim que aprendia as coisas com a própria natureza. Segundo Balbino Ribeiro de Souza:

“As crianças de hoje em dia não brincam como nós brincava antigamente, aquela que eram brincadeiras.”

Além das entrevistas realizadas com alguns membros mais vividos da Comunidade Indígena Pataxó Guaxuma, dona Ana Lucia Sena Braz, seu Odenil Braz Machado, dona Marinalva Ressurreição Braz, dona Maria José

Santana Ferreira e seu Balbino Ribeiro de Souza, foram observados alguns dos pequenos indígenas no dia a dia e as brincadeiras atuais, durante esse trabalho de pesquisa os alunos da Escola Indígena pataxó Tingui do Guaxuma também foram observados, nos seus momentos de brincadeiras. E houve grandes diferenças entre as brincadeiras das crianças indígenas atuais da aldeia Guaxuma com as brincadeiras relatadas pelos os mais velhos que foram entrevistados, as quais foram relatadas durante as entrevistas, e os mais vivos que foram entrevistados sempre mencionando, “no nosso tempo era que as brincadeiras valiam a pena”, nos momentos de brincadeiras na escola, foram observados que os meninos quando não estão com o telefone na mão, gostam de jogar bola, essa é umas das principais atividades deles quando estão no intervalo, foi raras as vezes que os presenciei brincando de gude, já as meninas, gostam de brincadeira de brincar de Boca de forno, esconde-esconde, pega-pega, foram presenciadas algumas vezes as mesmas brincando de casinha, de salão de beleza, na hora do recreio elas brincam de casinha, queimado, salão de beleza, principalmente as pequenas, as maiores estão sempre em rodinha de conversa, as vezes conversando sobre os assuntos aplicados pelos professores na sala de aula, as vezes falando sobre família e as vezes sobre namoro. Os meninos estão sempre no campo de futebol brincando de bola, mais nunca de outra brincadeira.

Já nos momentos de movimentos na sala de aula, os professores brincam com os alunos com algumas das modalidades indígenas por exemplo: Corrida de maraká, Arremesso de tacape, Zarabatana, Arco e flecha e cabo de guerra e também com brincadeiras que já vem preparada nos livros didáticos por exemplo: Eu sou pobre, pobre, pobre, Seu lobo, Boca de forno, o cachorro e o osso, Esquilos nas árvores, vamos imitar, queimado e pega a bola.

CAPÍTULO III

PROBLEMATIZAÇÃO EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Com a constituição de 1998, assegurou-se aos índios no Brasil o direito de continuarem sendo índios, isto é, de permanecerem com suas línguas, culturas e tradições. Ao adotar que os índios poderiam utilizar suas línguas maternas e os seus métodos de aprendizagem na educação escolar, instituiu-se a probabilidade a escola indígena cooperar para o processo de afirmação étnica e cultural desses povos e ser um dos principais veículos de assimilação e conexão. Decorrido mais dez anos promulgação da atual constituinte brasileira, é admissível afirmar que os direitos dos povos indígenas no Brasil a uma educação diferenciada e de qualidade, ali inscrito pela primeira vez, encontrou amplo respaldo e detalhamento na legislação subsequente. É isso que entendemos quando reunimos a legislação brasileira que trata da Educação Escolar Indígena em âmbito nacional.

Assim sendo como toda republica de ensino está dominada a um sistema mais amplo que, longe de elevado os contextos locais para elaboração, e concretização, da sua didática, constrange-os a um modelo universal. É dependente, portanto, a uma estrutura escolar adaptada por padrões genérico que condizem muito pouco, ou em nada, com a realidade dos estudantes indígenas. Se no campo do conteúdo mais propriamente teórico, o ensino diferenciado representa amplo avanço para a população indígena, ainda não obteve dar conta, e se libertar de um sistema de ensino altamente conservador e repressivo.

O conteúdo começa a se aproximar dos parâmetros e interesse sociocultural indígena, mais, esse mesmo fundo, inovador se sustenta preso a uma didática que não segue a dinâmica indígena. Deste modo, não tem como forçar suficiente para contribuir para o rendimento escolar de grande parte dos alunos. Ademais, embora do espaço privilegiado que a escola indígena adquiriu ao longo dos anos, a instituição “escola” em si, além disso, está lutando para conseguir “encaixar-se” a realidade local. Senta-se, durante horas enfrente a um professor, dentro de um espaço ligado, ouvindo explicação sobre

um assunto que, visivelmente, em nada diz respeito á sua realidade, é algo bastante desestimulante para as criança .

Em especial, se levarmos em consideração que, nesse universo, ela circula, ativamente, por dentro e por fora da aldeia, dando conta da sua própria representação biológica e entrando em contato, dia a pós dia, através da relação com mundo muitos distintos do seu, o que desenvolve sua percepção e apara a sua curiosidade.

Contudo, apesar dos inúmeros problemas estruturais aos qual a escola indígena está revelada, além da dificuldade explícita de uma determinada construção social acolher uma instituição ádvena à sua tradição e de acordo com a história ainda em processo de encaixe, ela permeia, de modo efetivo, as distintas instâncias sociais. Age, na prática, como instituição catalizadora do ideal Indígena por relacionamento proporcional com a sociedade regional. Trata-se inquestionavelmente, da instituição por excelência fomentadora e revitalizadora da cultura indígena, mediante a designada educação etnicamente diferenciada. Como componente da sociedade, as crianças herdaram a cultura dos adultos e são socializada nesta cultura.

Devido a persistência dos grupos indígenas, como os lideranças, professores e organizações que apoiam a causa indígena, aos poucos estamos alcançando o nosso objetivo de ter em nossa comunidade uma educação diferenciada e especifica para o povo indígena ainda não está 100%, mais a luta continua.

CAPÍTULO IV

UM OLHAR DE RESGATE ÀS BRINCADEIRAS INDÍGENAS DO PASSADO

Tomar banho no rio

Junta-se um grupo de crianças e vão para o rio, tomar banho livremente , onde dentro d'água também brincam de pega – pega. Quem for pegado primeiro tem que sair d'água.

Também dentro d'água brinca-se de túnel, fazem-se um túnel com as crianças enfileiradas com as pernas abertas, aí um vai passando por entre as pernas dos outros.

Brincando de casinha

Um grupo de meninas reúnem-se para brincar de casinha, onde as mesmas simulam ser donas de casa, fazendo comidinhas, cuidando dos filhos e da casa.

Esconde-esconde

Junta-se um grupo de crianças, independentemente do número de crianças, umas das crianças, fecha o olho, ou seja bate o rosto com os olhos fechados e começa a contar de um a dez, enquanto os demais vão se esconder, quando acaba a contagem, o que estava contando , começa a procurar as demais crianças, o primeiro a ser encontrado será o próximo a procurar os estão escondido, e assim sucessivamente.

Cavalo de pau

Primeiro é feito o cavalo, se pega um pedaço de madeira, amarra uma corda e assim transforma a madeira em um cavalo, logo em seguida pode montar e cavalgar.

Arapucas

Antes se constroem a arapuca, com vários pedacinhos de madeiras e cordas, em seguida e só arma-las com atrativo para chamar a atenção do passarinho, como pedaços de pães e frutas.

Bodoque

Com um pedaço de madeira em forma de gancho e uma pedaço de borracha conhecida como soro, é confeccionado o bodoque, em seguida é só partir para a caça.

Macaco de casa

Um grupo de crianças passa de uma árvore para outra pulando de galho em galho sem tocar os pés chão, aquela que cair ou tocar os pés no chão sai da brincadeira.

CAPÍTULO V

BRINCADEIRAS ATUAIS DAS CRIANÇAS DA ALDEIA GUAXUMA

Eu sou pobre

Eu sou pobre, pobre, pobre,
de marré, marré, marré.

Eu sou pobre, pobre, pobre,
de marré, marré, marré.

Eu sou rico, rico ,rico,
De marré, marré, marré.

Eu sou rico, rico ,rico,
De marré, marré, marré.

Quero uma de suas filhas,
de marré, marré, marré.

Quero uma de suas filhas,
de marré, marré, marré.

Escolhei a que quiser,
de marré, marrémarré.

Escolhei a que quiser,
de marré, marrémarré.

Eu quero a (fala o nome de uma da crianças),
de marré, marré, marré.

Eu quero (repete o nome da criança),
de marré, marré, marré.

Seu lobo

Vamos passear na floresta, enquanto o seu lobo não vem. Seu lobo é um bichinho que não gosta de ninguém, tá pronto seu lobo.

Não, estou acordando?

Vamos passear na floresta, enquanto o seu lobo não vem. Seu lobo é um bichinho que não gosta de ninguém, tá pronto seu lobo?

Não estou escovando os dentes.

Vamos passear na floresta, enquanto o seu lobo não vem. Seu lobo é um bichinho que não gosta de ninguém, tá pronto seu lobo?

Não, estou tomando banho.

Vamos passear na floresta, enquanto o seu lobo não vem. Seu lobo é um bichinho que não gosta de ninguém, tá pronto seu lobo?

Não, estou colocando a minha roupa.

Vamos passear na floresta, enquanto o seu lobo não vem. Seu lobo é um bichinho que não gosta de ninguém, tá pronto seu lobo?

Não, estou colocando os sapatos.

Vamos passear na floresta, enquanto o seu lobo não vem. Seu lobo é um bichinho que não gosta de ninguém, tá pronto seu lobo?

Não, estou vestindo o casaco.

Vamos passear na floresta, enquanto o seu lobo não vem. Seu lobo é um bichinho que não gosta de ninguém, tá pronto seu lobo?

Não, estou colocando a gravata.

Vamos passear na floresta, enquanto o seu lobo não vem. Seu lobo é um bichinho que não gosta de ninguém, tá pronto seu lobo?

Não, estou penteando o cabelo.

Vamos passear na floresta, enquanto o seu lobo não vem. Seu lobo é um bichinho que não gosta de ninguém, tá pronto seu lobo?

Já, estou abrindo a porta.

Nesse momento, todas as crianças saem correndo e o lobo corre atrás delas, até pegar uma, que será o lobo na vez seguinte.

Boca de forno

Escolher uma criança como “o senhor” que dará ordem na brincadeira.

Determina o objeto e pede para as crianças procurarem.

Boca de forno?

Fornalha.

Farão tudo que eu mandar?

Sim.

E se não fizer?

Cai no bolo.

CAPÍTULO VI

MODALIDADE INDÍGENA DAS CRIANÇAS DA ALDEIA GUAXUMA

Corrida de maraká

Corrida de maraká – Cada grupo corre com cinco atletas em um percurso de 150m em volta de um tronco. A equipe que finalizar primeiro ganha. Provas no masculino e feminino.

Arremesso de tacape

Arremesso de Tacape – Um criança de cada grupo fará o lançamento do tacape por três vezes. Será classificado o arremesso mais distante. Provas no masculino e feminino.

Zarabatana

Jogo de zarabatana – Uma criança de cada grupo deverá assoprar a flecha à distância de 7 metros do alvo, tendo três oportunidades para acertá-lo e marcar pontos de diferentes numerações. Cada atleta traz sua zarabatana. Provas no masculino e feminino.

Arco e flecha

Arco e flecha – Uma criança de cada grupo a fará 3 tiros num alvo a 25 metros de distância. O alvo conterà um círculo maior que equivale a 50 pontos, o médio, 100 pontos e o pequeno, 200 pontos. A pontuação será pelas somas da pontuação adquirida no lançamento das flechas. Todos terão que trazer seu arco e flecha. Provas no masculino e feminino.

Cabo de guerra

Cabo de guerra (masculino e feminino) – Cada grupo compete com oito atletas e dois reservas. A competição será cronometrada no tempo de três minutos; quem estiver levando vantagem quando acabar o tempo ganha. Provas no masculino e feminino.

CAPÍTULO VII

MEMORIAL CRISTIANE BRAZ RIBEIRO

Eu sou Cristiane Braz Ribeiro, moro na aldeia Guaxuma sou casada tenho uma filha de nove anos, atualmente estou trabalhando na escola Indígena Pataxó Tinguí do Guaxuma, tenho trinta anos, sou indígena e com muito orgulho.

Nasci na aldeia Trevo do Parque em 04/09/1986 passei por lá os primeiros anos da minha vida e logo depois os meus pais resolveram morar em outro lugar. E assim começa minha jornada na vida. Não tenho recordação dos anos iniciais de minha vida, só começo assimilar os acontecimentos logo depois do falecimento do meu irmão mais velho. Pois é, minha mãe teve cinco filhos, porém como já citei logo acima o mais velho faleceu, é isso aconteceu quando eu ainda era criança, devido a isso não tenho muita recordação do mesmo só consigo lembrar que éramos muito unidos e até hoje existe um vazio que tenho certeza que nunca será preenchido. A minha vida escolar iniciou-se aos sete anos, lembro-me que estudava em lugar conhecido como Montinho município de Itabela, não consigo recordar o ano exato, só sei que iniciei o ano letivo mas não cheguei a concluir, pois os meus novamente resolveram mudar para outro lugar, então assim começa o início de várias idas e vindas.

Vimos morar onde hoje atualmente é localizada Aldeia Guaxuma, só que naquele tempo ainda não existia o movimento indígena ou se existia estava adormecido, o meu pai fez a nossa casa na beira da pista onde também começou a trabalhar com venda de artesanatos, em seguida começamos eu e os meus irmãos a estudar em uma pequena escola que havia em uma fazenda próxima onde morávamos, mais não demorou muito e novamente voltamos para o Montinho, sempre essa ida e vinda e assim nós nunca terminávamos o ano letivo, novamente voltamos a morar a beira da pista e em seguida o meu pai resolveu que iríamos para aldeia Barra Velha, quando chegamos lá não me lembro exatamente quantos anos ficamos eu e os meus irmãos sem ir a escola. Foram tempos difíceis pois eu e minha irmã mais velha passamos a vender artesanatos na praia em Cariava, pois foi a única maneira que encontramos para ajudar nossos pais a manter a casa, lembro

que passamos muita necessidade mesmo com o meu pai pescando marisco para vender. Lembro-me que sentia uma vontade muito grande de estudar, sonhava com um futuro melhor, até que um dia conheci uma turista e conversando com ela falei que eu e os meus irmãos não estudava, então ela prometeu ir até a minha casa para dar aula para nós. Arrumei-me toda e fiquei esperando a professora mais ela não apareceu, fiquei bastante triste mais com o passar do tempo já estava me adaptando aquela vida difícil, mais devido as dificuldades o meu pai resolveu que voltaríamos a morar na beira da pista. Voltando novamente a morar na beira da pista, começamos a estudar, e novamente tivemos que sair da escola e retornar a aldeia mãe.

Logo ao retornar o meu pai nos matriculou na escola, mas de onde nós morávamos até a escola era muito longe, lembro-me que íamos de bicicleta acredito que esse ano foi o único ano em que conseguimos estudar o ano letivo todo em uma escola, era bom a viagem de casa até a escola quando não estava chovendo, mais quando chovia tínhamos que enfrentar a chuva para chegar até a escola, mesmo com tantas dificuldades eu estava muito feliz pois estava fazendo o que eu sempre quis estudar, quando eu chegava da escola tinha que ir vender artesanatos na praia, as vezes tínhamos o que comer meio-dia mas tinha vez que chegávamos da escola e não tinha nada para comer, por isso que todos os dias eu precisava ir a praia vender artesanatos para ajudar com os mantimentos em casa, a vida naquele tempo era muito difícil, acho que por isso que o meu pai mudava tanto pois estava sempre procurando melhoria para nós, criança é um ser tão inocente que não vê dificuldade em nada, mesmo quando os adultos acham que não tem saída elas encontram a solução e era assim que eu pensava tudo no meu pensamento estava indo as mil maravilhas, quando na verdade estávamos vivendo com muitas dificuldades em tudo e aí surge novamente a ideia na cabeça de meu pai que voltaríamos para a beira da pista, é um pouco engraçado essa ida e vinda de meus pais. Ao retornarmos a beira da pista fomos matriculados na escola Dezemira e assim começa novamente o ano letivo, começamos a estudar novamente e tudo estava voltando ao seu devido lugar, quando o meu pai resolveu que iríamos passar alguns dias na aldeia Trevo do Parque, fiquei arrasada com essa notícia pois agora já não era tão pequena para levar tudo numa boa, mais fazer o que

não é? Ele era o pai tinha que acatar a decisão sem reclamar, e novamente deixaria para traz os amigos, a professora que gostava tanto, deixar uma vida para traz assim pensava eu, tive que ir mesmo sem querer. Chegamos na aldeia Trevo do Parque no ano de 1999 fomos logo matriculados na escola assim que chegamos ali , iniciaria mais uma pagina da minha história de vida e vida escolar , terminamos o ano letivo de 1999 e em seguida iniciaria o ano de 2000, a vida começava a tomar seu devido rumo, comecei a conhecer parentes que nunca tinha visto antes, foi ai que a minha irmã começou a namorar e logo casou-se , aos 14 anos ou melhor casou-se não, fugiu como acostumamos dizer aqui na aldeia, a minha mãe ficou muito triste e o meu pai ficou furioso pois ele não queria que nós nos casássemos cedo de mais, ele sempre falava “você tem que estudar para serem alguém na vida” mais fazer oque se ela decidiu assim. Bem dando continuidade a minha história, durante os anos seguintes continuamos a estudar na escola da comunidade em que morávamos eu e o meu irmão mais novo , pois o mais Velho não morava com nós ,havia saído muito cedo de casa na verdade não lembro o porque dele ter saído de casa só sei que ele cresceu longe de nós e talvez por isso não tenha tido a oportunidade de estudado e concluído seus estudos.

Em 2001 comecei a estudar em Itamaraju no Colégio Municipal Reitor Edgard Santos , pois não podia continuar na escola da aldeia Trevo do Parque devido o motivo de não haver a série a qual teria que estudar. Na verdade estava ansiosa para estudar na cidade, conhecer novas pessoas fazer novos amigos, confesso que fiquei com um pouco de medo de ser discriminada na escola por ser indígena mais nunca neguei a minha origem. A cidade é totalmente diferente da minha aldeia, e assim começa a minha vida escolar na cidade , bem nós fomos muito bem recebido na escola pelos professores e alunos não citei antes mais quando comecei estudar em Itamaraju na verdade não só foi eu, mais um grupo de cinco alunos que teve que sair da escola para ir estudar na cidade, isso mim alegrava pois não estava só, havia mais parente para fazer companhia. Bem os anos seguintes foram bastante aproveitável pois estava conhecendo um mundo novo, conhecimentos novos ou seja novas descobertas, e assim os anos foram se passando e eu a cada dia subindo mais um degrau de conhecimentos. No ano de 2006 tive que ir para outro colégio,

deixando para traz uma nova família que aprendi a gostar a família Reitor, fui estudar no colégio Estadual Inácio Tosta Filho, bem não cometei antes mais no ano de 2003 comecei namorar e devido a isso só vivia no mundo da lua, bem mais isso não atrapalhou os meus estudos.

Continuei a estudar agora já estava no ensino médio, fiquei estudando no Colégio Inácio nos anos de 2005 e até o meio do ano de 2006 daí a minha vida toma um novo rumo, no meio do ano vou morar com o meu namorado que hoje é o meu esposo nesse tempo eu já estava grávida da pequena só que não sabia, em seguida tomo uma decisão errada largando os meus estudos. Não sei bem o porque que tomei essa decisão, pois o meu sonho era concluir os meus estudos e fazer uma faculdade e me formar em direito para conhecer das leis para reivindicar os nossos direitos como indígena, buscar melhoria para o meu povo bem esse era o meu sonho desde pequena.

Mais agora havia acabado tudo pois estava deixando de lado o objetivo principal em que acreditei a vida toda, mais quem era a culpada disso está acontecendo? Claro que era eu, os meus pais fizeram de tudo para me manter na escola, fazia o impossível para manter eu e o meu irmão na escola nós éramos as meninas dos olhos deles, sempre falavam “ estudem para não passem o que passamos”, não entendia o porque dessas palavras mais iria chegar o momento em que iria entender o porque daquela frase o tempo todo repetida pelos meus pais.

Em fevereiro de 2007 nasce a minha filha Jheniffer e a vida fica difícil pois na aldeia Trevo do Parque é muito difícil conseguir emprego, mais íamos levando a nossa vida, foi aí que decidimos que íamos para outra aldeia procurar melhoria , nos mudamos para outra comunidade, aldeia Guaxuma e finalmente retornei para o lugar onde passei a maior parte da minha infância, agora já sendo aldeia , nós fomos muito bem recebido pelos os nossos parentes aliás a maior parte dos moradores são primos, tios, avós. Bem em 2008 os lideranças, o Cacique e fizeram uma reunião para discutir os assuntos da comunidade, foi depois dessa reunião que minha vida tomou um novo rumo, o meu pai chegou em casa e mim falou que eu iria dar aula na escola, fiquei insegura pois nunca havia dado aula na minha vida, e agora? Apesar da

insegurança estava precisando que alguém mim desse um voto de confiança e naquele momento as pessoas mais importante daquela aldeia estava dando esse voto de confiança, para uma pessoa inexperiente, eu precisava fazer valer a pena a decisão daquelas pessoas, mais eles colocaram um porem, eu poderia sim dar aula mais teria que continuar a estudar, na verdade eu precisava desse incentivo para concluir os meus estudos, e até hoje não tive a oportunidade de agradecer aquele grupo de lideranças que confiaram em mim e mesmo sem saber foi eles quem mim incentivaram a continuar os meus estudos, mais em especial o meu pai que nunca desistiu de mim. Quando comecei a lecionar na escola Indígena Pataxó Tinguí, na verdade não só foi eu mas, uma colega de infância também começou a trabalhar junto com migo, passamos a dividir quinhentos reis para trabalharmos, ela vinte horas e eu vinte horas, além de trabalharmos teríamos que continuar estudando. Nós estudávamos de manhã e trabalhávamos a tarde.

Os anos de 2008 e 2009 foram bastante difícil pois tinha que estudar, trabalhar e tomar conta de casa e da minha filha, foi bastante cansativo. Tinha que levantar cedo para estudar e quando chegava em casa as vezes não dava tempo almoçar mas mesmo assim tinha que ir para escola, ainda bem que Deus colocou na minha vida uma pessoa muito boa que sempre mim ajudava na escola a professora Lenira que por sinal foi quem mim alfabetizou e sempre mim ajudava em tudo que eu precisava, sou muito grata a ela, e nunca tive a oportunidade de dizer isso pessoalmente, bem muitas pessoas mim apoiaram nos momentos difíceis o meu marido é mais um dessas pessoas, mais tem duas pessoas importantes que sempre quis o melhor para mim e deram a maior foça para eu chegar onde hoje estou duas pessoas muito importante na minha vida meu pai Sebastião e a minha mãe Ana, primeiramente Deus depois eles dois são a minha rocha inabalável.

Dando continuidade como havia dito acima voltei a estudar em 2008 em Monte Pascoal no colégio Estadual foi um dos anos mais difíceis da minha vida mais a preendi a dar valor realmente oque tem valor e em 2009 fui estudar em Itabela. A pesar de não ser professora oficial de Porto Seguro passei a participar das jornadas pedagógicas, e foi exatamente em uma dessas jornas que fiquei sabendo que haveria o vestibular para professores indígenas. Fiquei

super. Animada mais um pouco insegura. Até que chegou o dia da prova que foi feita em Eunápolis, em tão lá fomos nós fazer essa prova.

Passaram vários dias para sair o resultado, até que um belo dia, estava na casa de meus pais na aldeia Barra Velha quando recebi uma ligação de Lenira para me dar a notícia tão esperada, eu havia passado no vestibular teria que ir em Teixeira de Freitas matricular –me na faculdade, porém havia um assunto ser resolvido, ainda não havia concluído o ensino médio. Infelizmente não seria naquele momento que conseguiria fazer uma faculdade.

Mais em seguida em outra jornada fiquei sabendo que haveria uma seletiva para professores indígena no IFBA. E novamente participei dessa seletiva, foi aí que tive uma nova oportunidade. Fui até o IFBA fazer a inscrição e para minha surpresa fui uma das selecionadas, hoje já estou quase na etapa final.

Quando comecei a lecionar, confesso que não estava nos meus planos ser uma professora, mais com o passar do tempo percebi e com a convivência no dia a dia com os alunos passei a valorizar essa profissão, acredito que ser uma professora ou melhor ser uma mediadora é uma dádiva de Deus, acho que não conseguiria viver longe da sala de aula. Os meus pensamentos, a minha opinião mudou bastante a minha cabeça teve uma transformação tremenda desde quando comecei a fazer essa Licenciatura Intercultura Indígena, quero cada vez mais adquirir novos conhecimentos para repassar para os meus parentes. Pois um dia um grupo de lideranças acreditaram no meu potencial e nada mais justo do que retribuir essa confiança contribuindo com os conhecimentos adquirido através da Licenciatura, para a formação da futura geração indígena que vem aí, para que eles possam reivindicar seus direitos e nunca esquecerem dos seus antepassados que lutaram muito para que eles conseguisse os direitos adquiridos até hoje, devido as lutas travadas pelos parentes que já se foram mais deixaram aqui as marcas de suas lutas que não foram em vão, pois hoje já podemos dizer que quase em todas as áreas do conhecimento há um indígena. Por eles não podemos parar de lutar, pois somos guerreiros e guerreiros não desistem mesmos quando parece que não há saída, encontramos sempre forças para continuar lutando pois somos índios Pataxó.

Como já havia citado acima, antes de terminar o ensino médio alguns dos lideranças de minha comunidade decidiram mim dar uma oportunidade ou seja uma motivação para terminar os meus estudos, pois havia parado de estudar logo quando engravidei e não havia retornado, só ano de 2008 que voltei a estudar, ou seja não tive nem uma preparação para ser professora, na verdade o meu sonho era outro, queria ser uma advogada, mais a vida dar muitas voltas, e logo depois que comecei a lecionar descobrir como é magico trabalhar como professora e principalmente com crianças, foi aí que me encontrei totalmente . Logo quando comecei a lecionar tive muitas dificuldades pois não tinha nem uma base de como trabalharia, como seria, oque faria, iniciei com bastante força de vontade mais sem nem uma preparação específica, confesso que não sabia nem fazer um plano de aula, fui me virando do jeito que podia. Não mim recordo exatamente agora em que ano chegou para a Escola Indígena Pataxó Tinguí do Guaxuma uma coordenadora que mim ajudou bastante com relação aos planejamentos, foi aí que fui ter uma noção do que é um planejamento.

Além do mais iniciei a Licenciatura Intercultural Indígena no IFBA, a qual foi muito importante para mim, tive uma excelente preparação com professores preparados para está capacitando alunos indígenas, e voltados para a causa indígena. A nossa preparação no IFBA foi uma vitória não só para os professores indígenas que ali estavam mais para os nossos lideranças que a muito tempo vinham lutando para que nós professores indígenas tivéssemos uma qualificação de nível superior, onde pudéssemos absorver os conhecimentos científicos e repassando para a futura geração indígena os conhecimentos acadêmicos adquiridos durante esses anos de capacitação. Tive excelentes professores no Instituto que levarei para vida toda pois através dos mesmos tive um crescimento de conhecimentos acadêmicos o qual não fazia ideia da importância, além do mais tive a oportunidade de está com professores que sempre admirei, de ser colega de classe de professores indígenas de outras etnias e dos meus parentes Pataxós de outras comunidades, em que aprendi a admira-los pois os mesmos são mestres nos conhecimentos do nosso povo e da nossa causa, aprendi muito com esse pessoal, eles não fazem ideia do quanto cresci durante essa Licenciatura

Intercultural Indígena, o que o nome já diz tudo. Hoje posso dizer que estou no caminho certo, estou mais preparada para está em uma sala de aula pois através da Licenciatura Intercultural adquirir os conhecimentos necessários para essa caminhada. Estou terminando o curso superior mais sei que tenho uma longa caminhada pela frente, pois não pretendo parar por aqui, quero fazer uma pós-graduação em uma área da Educação Infantil. Bem quero ir além-esses são os meus planos que Niamissu me abençoe e mim de forças de vontade para nunca desistir dos meus sonhos, amo trabalhar com crianças, e tenho sede de novos conhecimento.

Hoje trabalho com uma turma multe seriada, Educação Infantil, primeiro e segundo ano, turno vespertino, tenho onze alunos, três estão no segundo ano, três estão no primeiro ano, duas pré II e três pré I. Todos os dias mim preparo pesquisando bastante sobre o conteúdo em que irei aplicar, mais antes faço o planejamento semanal, com os conteúdos, metodologias, recursos em que irei usar durante toda aula, estou sempre buscando inserir a nossa língua que é o Patxôhã em todas as minhas aulas, pois esse é o desejo não só meu mas de todo o nosso povo que um dia possamos nos tornar falantes de nossa língua.

Como já falei acima, amo o trabalho em que faço, dou o melhor de mim em sala de aula, pois não quero que essas garotadas venham passar o que eu passei. Sei que naquele tempo em que era criança tudo era difícil e os meus pais não tiveram a oportunidade e condições de mim dar um estudo melhor, mais eles fizeram até o impossível para eu chegar onde hoje estou e tenho certeza que irei muito além dos meus sonhos. Não gosto de lembrar os momentos difíceis em que vivi mudando de aldeia para aldeia, mais tem memórias que nunca sai da minha cabeça, está gravado na alma e na mente. Passei muitas dificuldades quando morei na aldeia Barra Velha, lembro-me claramente quando eu e os meus irmãos, Ubirami e Franklin saímos de casa para estudar de baixo de chuva sem tomar café pois não tinha, e tínhamos que andar uns seis quilômetros para chegar até a escola, chegávamos todos molhados, e na volta íamos procurando frutas para comer, mangaba, caju, murta e o que era comestível que encontrássemos, e quando chegávamos em casa as vezes tinha o que comer mais na maioria das vezes não tinha nada, então eu tinha que ir até Caraíva para vendar artesanatos para comprar carne,

farinha e óleo, ficava vendendo artesanatos até umas cinco horas, lembro que não tirava nem uma moeda do que vendia para comprar algum lanche para comer, pois assim faltaria dinheiro na hora de comprar os alimentos que precisava em casa, quando era tempo de manga e caju, mim esbanjava pois tinha o que comer quando estava vendendo os artesanatos em Caraíva, subia no pé de manga e comia manga a vontade. Mais mesmos com tantas dificuldades era feliz e sempre sonhei que um dia teria uma vida melhor, estudaria e seria alguém na vida, foi assim que a prendi a ser honesta integra e nunca desisti dos meus objetivos. As dificuldades impostas naquele tempo, mim ensinaram a ser forte, passei por tudo e hoje estou aqui para contar um pouco da minha história e por ter passado por tudo e ter mim tornado um vencedora, por isso que escolhi ser professora e quero mim capacitar para passar os conhecimentos adquiridos com essa Licenciatura e com os outros curso superiores que pretendo fazer e com certeza irei terei que está preparada para ser uma mediadora de conhecimentos entre o mundo lá fora e a nossa comunidade.

CONCLUSÃO

Através deste trabalho foram observadas as brincadeiras que as crianças da Aldeia Guaxuma vem brincando atualmente, nota-se que os mesmos não brincam como os avós e pais brincavam no passado, a grande maioria das crianças, nem sabe de que maneira eram feitas as brincadeiras que seus avós brincavam.

Durante as entrevistas feitas dentro da aldeia Guaxuma com alguns dos mais velhos da comunidade, percebe-se o descontentamento dos mesmos, que ao falar das brincadeiras do passado, desabafa ao declarar que as brincadeiras que eram feitas no passado estão desaparecendo com o passar do tempo. A tecnologia é um dos fatores que vem contribuindo com esse desaparecimento, pois as crianças indígenas não estão tendo mais tempo de brincar, de ser criança, estão sempre ligados na televisão e na internet. Além do espaço, no passado seus avós e pais tinha a floresta para brincar e os rios para tomarem banhos de rio, e hoje as nascentes estão secando cada vez mais. Raras as vezes que os pequenos indígenas estão brincando. A maioria das vezes que essas brincadeiras acontecem é quando os mesmos estão na escola, que os mediadores brincam com eles, mas nunca das brincadeiras que seus pais e avós brincavam, sempre de brincadeiras que já vem prontas nos livros didáticos. Muitos dos professores não brincam com os alunos das brincadeiras do passado, porque elas não estão escritas em livros algum, mais estão na fala dos mais vividos da Aldeia Guaxuma, devido a esse impêdimento os mesmos não brincam dessas brincadeiras com os alunos e as vezes por preguiça de pesquisar e assim faz o que mais fácil tira dos livros para seus planejamentos. Foi através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena no IFBA, que despertou o desejo de acordar e catalogar essas brincadeiras indígenas que estavam adormecidas para que as mesmas não venham se perder, mais que possam ser passadas para as gerações seguintes do povo Pataxó.

REFERENCIAL TEÓRICO

Munari, Alberto. Jean Piaget/ Alberto Munari; tradução e organização: Daniele Saheb.-Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Avenida 17 de Agosto, 2187/ Casa Forte/ PE/ CEP 52061-540,2010. Coleção Educadores.

Ivic, Ivan. Lev Semionovich Vygotsky/ Ivan Ivic; Edgar Pereira Coelho (org) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Avenida 17 de Agosto, 2187/ Casa Forte/ PE/ CEP 52061-540,2010. Coleção Educadores.

Beisiegel, Celso de Rui. Paulo Freire/ Celso de Rui Beisiegel. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Avenida 17 de Agosto, 2187/ Casa Forte/ PE/ CEP 52061-540,2010. Coleção Educadores.

Anais do 6º Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas: Desafios atuais da Educação escolar Indígena/ Juracilda Veiga ,Maria Beatriz Rocha ferreira(Organizadoras) – Campinas SP, Núcleo de Cultura e Educação Escolar Indígena; (Brasília): Ministério do esporte, Secretária Nacional de Desenvolvimento e Lazer, 2005.

Conselho Indigenista Missionário. Por uma educação Descolonial e Libertadora, Manifesto sobre a Educação Escolar Indígena no Brasil.

ANEXOS



Balbino Ribeiro de Souza indígena Pataxó da Aldeia Guaxuma, agricultor tem 86, nasceu em seis de janeiro de 1932 em Itamaraju Bahia.



Maria José Santana Ferreira indígena Pataxó da aldeia Guaxuma, agricultora tem 69 anos, nasceu em 29 de maio de 1949 na aldeia Barra Velha município de Porto seguro.



Marinalva Ressurreição Braz indígena da aldeia Guaxuma artesã tem 57 anos nasceu em primeiro de dezembro de 1961 na aldeia Barra Velha município de Porto Seguro Bahia.



Odenil Braz Machado indígena da aldeia Guaxuma artesão tem 58 anos nasceu no dia doze de dezembro de 1960 na aldeia Curumbalzinho.



Ana Lucia Sena Braz 53 anos artesã mora atualmente na aldeia Xandó município de porto Seguro Bahia nasceu vinte oito de abril de 1965.